

UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESÚITICA:
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

JONATAN RAFAEL DA SILVA

EDUCAÇÃO DIGITAL E APRENDIZAGEM INTEGRAL NA ERA DAS *FAKE*
NEWS

CURITIBA

2019

JONATAN RAFAEL DA SILVA

EDUCAÇÃO DIGITAL E APRENDIZAGEM INTEGRAL NA ERA DAS *FAKE NEWS*

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica pelo curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Ms. Suzana Braga.

CURITIBA

2019

Resumo

A velocidade da transmissão da informação e a possibilidade de criação de conteúdo por todas as pessoas transformaram a maneira como a sociedade consome os fatos. Em paralelo ao processo de reinvenção da comunicabilidade estão as *fake news*, notícias e informações inverídicas disseminadas com um objetivo específico ou não, mas que têm se tornado elementos importantes em tomadas de decisões e afins.

Frente a esse cenário, o presente artigo busca compreender o papel das instituições de Educação Básica da Rede Jesuíta de Educação na formação de estudantes capazes de ler e interpretar esse emaranhado de dados que chegam via redes sociais e aplicativos de mensagens.

Palavras-chave: educação; tecnologia; fake news.

Problema

Qual o papel da escola na formação do estudante para uma leitura de mundo e também da informação na era das *fake news*?

Justificativa

A problematização do artigo está centrada na dicotômica relação do estudante com a tecnologia que, mesmo fazendo parte de sua realidade cotidiana. O problema reside, justamente, em como fazer o educando utilizar a internet de forma responsável e com objetivos claros.

Sob esse prisma, o artigo pretende compreender o atual *modus operandi* da web pelos estudantes. Como explica Stuart Hall (2011), a identidade está descentralizada, ou seja, o sujeito tornou-se um indivíduo híbrido capaz de transitar em diversos grupos e camadas sociais. Esse fenômeno, potencializado pela popularização de internet, não encerrou questões de polarização em âmbitos ideológicos, ao contrário, potencializou ainda mais a segregação e a formação das bolhas. Seria então a internet uma inimiga da democracia e, paradoxalmente, da livre expressão? (BOXELL; GENTZKOW; E SHAPIRO, 2017).

Objetivos

Objetivo geral

- Compreender a relação do estudante da Educação Básica com a tecnologia, identificando elementos do analfabetismo digital entre os estudantes da Educação Básica.

Objetivos específicos

- Identificar as falhas na leitura, interpretação e compreensão dos estudantes nos conteúdos veiculados no ciberespaço, fomentando um olhar crítico sobre os dados e informações disponíveis em sites, aplicativos e redes sociais;
- Identificar os principais ruídos da relação supracitada. Identificar no Colégio Medianeira os componentes curriculares e as estratégias pedagógicas que possibilitem a aproximação do corpo discente com as tecnologias de modo a fortalecer a aprendizagem integral.

Metodologia

O artigo *A Educação Digital como instrumento da aprendizagem integral na era das fake news* está alicerçado em dois pontos.

O primeiro refere-se ao arcabouço teórico, que perpassa as ideias de “nativo digital”, a relação da tecnologia com o ser humano, a relação desta com a escola e o papel do professor nesse cenário e como os teóricos da comunicação, da sociologia e da filosofia analisam o mecanicismo das interações. Outro ponto importante: como a Rede Jesuíta de Educação, por meio de seu documento norteador – o *Projeto Educativo Comum* –, observa o panorama que se anuncia no horizonte de suas instituições.

O segundo ponto tem uma interface prática e localizada na experiência da Oficina de Técnicas de Comunicação oferecida em 2018 aos estudantes dos 8º anos do Colégio Medianeira. A partir dos conteúdos vivenciados pelos estudantes, buscou-se entender a compreensão que tiveram dos conteúdos, sobretudo, do conceito de *fake news* para tecer um olhar acerca dos resultados e da importância do trabalho realizado com essas turmas.

Justificativa

Fomentar e potencializar estratégias pedagógicas e componentes curriculares capazes de permitir ao estudante ler, interpretar e disseminar a informação presente da internet.

Como comentado na apresentação do tema, as tecnologias são uma realidade cotidiana do educando da Educação Básica. Posto isto, é fundante que uma instituição da Rede Jesuíta de Educação (RJE) esteja prepara para formar pessoas em integralidade, o que diz respeito também ao uso e à interação no ciberespaço.

Se por um lado há o desafio de preparar o estudante para a jornada acadêmica rumo ao ensino superior, por outro existe a necessidade, cada vez mais frequente, de fazer do educando um cidadão do mundo, proporcionando saberes que oportunizem soluções globais e que vão além da ténue das situações off-line. Entretanto, é imprescindível instrumentalizar esses alunos, apresentado as diversas possibilidades e desdobramentos dos *gadgets* e aparatos tecnológicos.

Fundamentação teórica

Os Nativos digitais

Em tempos de redes rizomáticas (SANTAELLA e LEMOS, 2010) e de hiperconectividade, é fundante para os encaminhamentos da Educação Básica perceber a relação do estudante com a internet e, claro, a usabilidade do ciberespaço como instrumento formação integral do sujeito. Um ponto crucial desse processo de investigação é compreender as gerações atuais de educandos como nativos digitais, isto é, jovens e crianças fluentes na linguagem operacional dos ambientes virtuais (PRENSKY, 2001), haja vista que a cultura digital – em seus diversos tentáculos e aparatos tecnológicos – está inserida em seu cotidiano de forma naturalizada.

Para Prensky (2001), pioneiro no uso do termo *digital natives*¹, o que diferencia os nativos digitais dos imigrantes digitais é justamente organicidade

¹ No texto original, Prensky identifica por esta terminologia todos aqueles nascidos após meados da década de 1980. Muitos críticos relativizam essa consolidação temporal, tendo como principal argumento

da presença tecnológica em seu dia a dia. Enquanto o primeiro grupo precisa aprender e adaptar-se às novas configurações – apresentando aquilo que o autor chama de “sotaque digital” –, o outro atua e se insere socialmente – on-line e off-line – sem a necessidade de estabelecer um período adaptativo.

Em parte, de acordo com Lúcia Santaella (2005), esse processo se dá graças à convergência entre arte e comunicação², principalmente, nos videogames, clipes musicais e no alcance massivo da produção artística viabilizado pelo computador pessoal e, posteriormente, pela difusão da internet e “democratização” dos *smartphones*³.

A despeito do cenário articulador e desterritorializado, observa-se nos nativos digitais a ausência do uso instrumentalizado da internet, ou seja, a capacidade de leitura e interpretação dos dados e das informações compartilhadas em sites, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. Por isso, para A. Kirschnerab e Pedro De Bruyckerec (2017), entretanto, a percepção de Presky está equivocada ao afirmar que escola deve presumir que o educando possua talento e habilidades que, na realidade, não tem. Para os autores, é papel das instituições de ensino preparar seu corpo discente para usar as tecnologias de maneira assertiva, responsável e coerente.

Nesse sentido, a concepção de Kirschnerab e De Bruyckerec estabelece um diálogo possível e interessante com o *Projeto Educativo Comum* (2016), o *PEC*, documento estruturante das práticas pedagógicas das instituições de educação básica da Rede Jesuíta de Educação no Brasil. De acordo com o texto, as novas tecnologias estão modificando os modos de aprender e, por isso, devem ser ferramentas capazes de fortalecer o projeto político-pedagógico das escolas e colégios.

(...) há uma necessidade premente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para inovação, considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre

as diferentes realidades entre país ricos, emergentes e pobres. Como veremos adiante, há também uma crítica pedagógica contundente à narrativa de Prensky.

² Santaella (2005) remonta a influência das artes na comunicação inicialmente à pop art na década de 1960, cujo nome de Andy Warhol, prolífico arte e polemista, é um dos representantes mais ativo desse movimento.

³ Em dados do IBGE, de 2016, a população on-line brasileira somo 116 milhões, equivalendo a 64,7% das pessoas acima de 10 anos. Desse total, 94,6% dos internautas acessa a rede por celulares e a mesma percentagem faz uso para envio de mensagem de texto e voz em aplicativos e redes sociais (GOMES, 2018).

meios e fins. A meta é que os currículos contemplem discussões e o uso fluente dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, ps. 38 e 39).

O *PEC*, bem como de Kirschnerab e De Bruyckerec, coloca-se como crítico de qualquer concepção preestabelecida a respeito do estudante, isto é, reafirma o papel educador da escola e também a necessidade de estabelecer processos educativos que estejam desvinculados de uma produção em massa de educandos⁴.

Imaginando a complexidade do sujeito contemporâneo, que já não está mais arraigado a um único ponto de sustentação, criam-se as identidades híbridas. Na visão de Stuart Hall (2011), o sujeito moderno⁵ – aquele que é exilado e isolado em meio à multidão e que se caracteriza por uma identidade planejado – se descontrói à medida em que ele se percebe como capaz de interagir em diversas frentes e grupos sociais e também fluxos culturais⁶. O hibridismo é, em certa medida, um convite à autonomia, caracterizada justamente, pela “faculdade própria de algumas instituições quanto à decisão sobre organização e normas de comportamento, sem se dobrar ou ser influenciadas por imposições externa” (DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS, 2019).

Para José Pacheco, educador e idealizado da Escola da Ponte, a ideia de autonomia integra um léxico que reflete para além de um conceito único, mas que está respaldado também em autoestima, autoconfiança, autocontrole, autodisciplina:

Autonomia não é um conceito isolado, nem se define em referência ao seu oposto – define-se na contraditória complementaridade com a dependência, no quadro de uma relação social aberta. O conceito de singularidade é-lhe próximo, mas situa-se aquém da autonomia, porque o reconhecimento da singularidade consiste na aceitação das

⁴ O Projeto Educativo Comum reitera o estudante como foco de todo o processo de ensino-aprendizagem e chama a comunidade educativa para pensar estratégias que possibilitem o desenvolvimento pleno do sujeito de acordo com as suas habilidades individuais (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 51).

⁵ Hall (2011) usa como ideia de sujeito isolado na sociedade o *flâneur*, que percorre a cidade de maneira invisível por estar em meio à tanta gente. Essa figura também é chave para entender, por exemplo, o jornalista do começo do século XX que, inserido na horda, caça o que pode virar notícia. Joseph Mitchell, famoso por escrever sobre mendigos e pessoas à margem, era um típico *flâneur*. No Brasil, o caso mais célebre seria João do Rio, que observava a então capital federal com um olhar arguto sobre as gentes mais simples. Por outro lado, Hall exemplifica o homem moderno como aquele subjugado pela burocracia invisível e kafkiana.

⁶ Adiante Hall (2011) identifica essas questões como pontos de origem para o retorno de pensamentos extremistas que pregam a soberania nacional, a pureza racial e o negacionismo da globalização.

diferenças interindividuais, enquanto autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de "sujeito" como complexo individual (PACHECO, 2012, p. 11).

O olhar de Pacheco sobre a questão da autonomia é, antes de tudo, um vislumbre sobre o pensamento de Kant (2016) a respeito do mesmo tema. Para o filósofo alemão, a autonomia pode ter um sentido positivo, a capacidade do homem governar a si mesmo por meio de suas razões e leis. Em outras palavras, o sujeito está inserido em um grupo, entretanto, isso não significar alheiar-se de suas características íntimas.

No *PEC*, à guisa de transpor o caráter individualista e individualizado que não raras vezes aplica-se à autonomia, a Rede Jesuíta de Educação (2016) chama o estudante – e os demais autores participantes da comunidade educativa – para uma autonomia responsável que seja capaz de olhar para si e para os demais. Sob esse prisma, a concepção do fazer educativo jesuítico se atualiza as ideias Prensy (2001), que observava o nativo digital como um reciclador de informação graças à sua capacidade inata de ser multitarefas – ou seja, aquele estudante que se diz capaz de executar duas ou mais tarefas simultaneamente. Essa atualização se dá no momento em que as habilidades desenvolvidas e apreendidas nos tempos e espaços escolares⁷ são colocadas à luz de um objetivo para além do sujeito em si.

A Informação na web

Toda a produção do discurso cultural é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos” (FOCAULT, 2010, p. 9) ao mesmo tempo em que a cultura se constitui por meio de um sistema⁸ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) que Noam Chomsky (1997) chamaria de totalitário. Nesse sentido, e contrariando as arbitrariedades do *status quo*, cabe ao leitor – dos diversos meios e plataformas – realizar a curadoria crítica do conteúdo que tem à sua disposição.

É um equívoco, porém, pensar que a internet é um ambiente livre da manipulação e da curadoria terceirizada. O usuário é também um curador

⁷ Na concepção jesuítica de educação, o processo formativo do estudante acontece por meio de três pilares indissociáveis. São eles: tempo, que corresponde aos momentos oportunizados de aprendizagem e também o tempo de cada estudante para absorver e interpretar o currículo; o espaço, que deve ir além

da sala de aula e dos muros da escola, fornecendo insumos para a construção e partilha do conhecimento; e pessoas, isto é, com quem e para quem as instituições de ensino da Rede Jesuíta de Educação são concebidas.

⁸ No texto, os autores identificam três pilares para a constituição cultural: rádio, cinema e revistas.

daquilo que consome, entretanto, a informação só chegar a ele depois de passar por filtros previamente organizados e estabelecidos por empresas.

Por isso, antes de tudo é fundamental que entendamos que todo o material disponível na web está ao alcance do usuário graças a determinados critérios. Em se tratando, por exemplo, de páginas de pesquisa, os buscadores utilizam algoritmos – cujos termos não são revelados – para indexar e organizar páginas como materiais relevantes acerca dos mais diversos assuntos. Essa técnica (GOOGLE, sem data), conhecida como Searching Engine Optimization (SEO) – otimização de mecanismos de busca, em tradução livre –, se constrói de duas maneiras:

- **Semântica:** tudo o que envolve palavras, construções textuais e escolha de termos específicos para determinados assuntos. Mecanismos de busca, como o Google, oferecem serviços que possibilitam a verificação dos termos melhor relacionados com o assunto que será tratado na página. É a partir da escolha de palavras – o que se relaciona intimamente com características psicológicas dos sujeitos – que são formados os resultados nas buscas.
- **Programação:** a construção técnica da página deve obedecer a critérios e fatores que facilitem a busca e a correlação com o desejo do usuário da web pela informação. Endereços de página e códigos de fonte e programação, por exemplo, são criados de modo a favorecer a página no *ranking* de pesquisas orgânicas¹⁰.

Portanto, como é natural dos meios de comunicação de massa, a internet representa um recorte da realidade que, não raras vezes, é artificial e fabricado e que, segundo Abramo (2003, p. 23), acontece das seguintes maneiras:

- **Padrão de ocultação:** a ausência deliberada de fatos com o objetivo de construir uma ideia paralela de realidade;
- **Padrão de fragmentação:** pontos importantes dos fatos são fragmentados para que não se faça a correlação entre eles em uma realidade mais ampla e conectada;

¹⁰ Em geral, os mecanismos de busca oferecem duas modalidades de *ranking*. O primeiro é a busca orgânica, isto é, o posicionamento da página no buscador sem que seja necessário o uso de investimento financeiro. Nessa modalidade, para que a *webpage* esteja entre as primeiras da primeira página do buscador é fundamental que seja construída de acordo com os critérios de SEO. A segunda maneira de buscar posicionamento nos mecanismos de buscas é com o pagamento de anúncios, que são feitos por meio de leilões de palavras – em que cada uma possui um custo específico. Os anúncios pagos devem ser,

na realidade, um complemento de marketing à busca orgânica e não a última fonte para que o usuário encontro o assunto com o qual deseja ter contato.

- **Padrão da inversão:** após a fragmentação dos fatos, as informações são reordenadas à guisa de criar uma nova interpretação e leitura, estabelecendo a destruição da realidade original. O padrão de inversão ainda pode ser dividido em:
 - Inversão da relevância dos aspectos;
 - Inversão da forma pelo conteúdo;
 - Inversão da versão pelo fato;
 - Inversão da informação pela opinião;
- **Padrão de indução:** impossibilidade de ver a “realidade original” devido ao olhar “viciado” do receptor devido aos padrões de manipulação anteriores;
- **Padrão global:** o autor, em seu texto original, afirma que esse padrão está melhor relacionado ao rádio e à televisão, entretanto, com a internet deixando de ser unicamente textual, e ganhando cada vez mais canais de áudio e vídeo, também se torna um terreno fértil para a explosão desse padrão. Segundo Abramo (2003), o padrão global se dá de três maneiras:
 - Exposição dos fatos: cria-se a narrativa por meio da apresentação de um problema;
 - Fala da sociedade: momento em que as pessoas afetadas ou atingidas, direta ou indiretamente, expõem seu olhar sobre o fato;
 - Fala da autoridade: geralmente se relaciona com um olhar institucionalizado sobre o fato e que pretende oferecer alguma resolução para o conflito.

Ainda que essa ecologia não se aplique a todo e qualquer conteúdo veiculado, é interessante pensar que não há gratuidade na transmissão da informação, ou seja, um dado disponível em rede, provavelmente, está a serviço de algum propósito. Para Pierre Lévy (2010) a ruptura da produção de conteúdo na internet, em comparação com a *media mainstream*, está na possibilidade de auto-organização “através dos indivíduos permanentemente envolvidos”.

Nós vimos que as técnicas de comunicação e de processamento das representações também desempenhavam, nelas, um papel igualmente essencial. É preciso ainda ampliar as coletividades cognitivas às outras técnicas, e mesmo a todos os elementos do universo físico que as ações humanas implicam (LÉVY, 2010, p. 146).

A coletividade – que é o grande cerne da internet – é fundamental para o estabelecimento da identidade híbrida de Hall (2011) e que Lévy (2010) define com a seguinte afirmação: “uma tecnologia intelectual sempre irá conter muitas outras”. Sob esse prisma, é possível fazer, portanto, que o que antes era fator de segregação, hoje é aglutinador. Isso não significa, porém, a descaracterização da questão alienante dos meios de comunicação de massa. Durante a explosão da televisão as pessoas deixavam de ir ao cinema para ficar em casa¹¹. A experiência, que era coletiva, foi cada vez ficando mais reduzida, fechando-se ao círculo da família. Mesmo o telefone, que é um meio de comunicação retroalimentado, permitia naquele momento o contato somente de duas pessoas. Quando a internet surgiu como uma opção de comunicação ampla, múltipla e em rede, as interações abandonaram a binaridade relacional (BRIGGS; BURKE, 2006), passaram a oferecer opções novamente coletivas e, com o passar dos anos, com maior apelo comercial.

O Papel do professor

À medida em que o cenário das comunicações se torna maior e menos centralizado – há muito a conexão à internet deixou de estar disponível unicamente em um computador pessoal e residencial –, os *gadgets* passaram a integrar o cotidiano escolar. Os estudantes, desde as séries iniciais, usam aparelhos celulares, *tablets* e, em alguns casos, *e-readers*. Em um cenário cujos aparatos tecnológicos estão integrados ao cotidiano da comunidade educativa, cabe às instituições de educação básica transformá-los em ferramentas do processo de ensino-aprendizagem.

O *PEC* visualiza as tecnologias como aliadas na formação do sujeito em sua criticidade e criatividade:

Novas e surpreendentes tecnologias da informação e da comunicação têm estreitado as distâncias e possibilitado a cocriação, apropriação e disseminação de conhecimentos. Junto com as demais organizações, a educação está imersa num entorno tecnocomunicativo. Há uma conexão em tempo real entre os seres humanos e os coletivos, independentemente de onde estejam, na qual virtual e real se misturam e afetam, principalmente, os nativos da cultura digital (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 38).

¹¹ A resposta dos grandes estúdios e dos cinemas foi a criação das sessões duplas. Primeiro era exibido um longa-metragem de baixo custo e sem atores de prestígios, os chamados filmes B, e depois eram, projetados os rolos principais que traziam grandes diretores e astros de Hollywood, conhecidos como filmes A (VALAREZO, 2017).

Partindo desse pressuposto, e considerando o estudante como ponto central de todas as estratégias educativas, deve-se olhar também para o professor como principal articulador dos encaminhamentos pedagógicos. Para o *Projeto Educativo Comum*:

O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 44).

A partir de um olhar aprofundado sobre o papel do educador como fomentando de experiências exitosas na articulação do saber e do conhecimento, é imprescindível compreendê-lo como a soma de suas experiências formativas – acadêmicas e práticas – à sua trajetória pessoal (GUIDINI, 2017). O resultado dessa equação são as práticas pedagógicas que, segundo Veiga (1992, p. 16, apud GUIDINI, 2017, p. 117), representam:

(...) uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social.

Para além das práticas pedagógicas e sociais, a relação da educação com as tecnologias depende, fundamentalmente, da infraestrutura que “precisa acompanhar o ritmo da concorrência digital, preparo e formação para ser o mediador e não só o portador do conhecimento” (MARTINS, CARDOSOS. PONTES; e PONTES, 2018). A educação, portanto, deve ser emancipadora, isto é, prepara o sujeito para os desafios de uma sociedade cada vez mais mecanicista e individualizada. Por isso, a relevância de um processo que crie vínculos e fortaleça as relações por meio da prática pedagógica como prática social.

José Pacheco (2012), no verbete “responsabilidade” do seu *Dicionário de valores*, relembra que o exercício do poder só é legítimo a partir do serviço ao bem comum¹² e parafraseia Boal ao dizer que o “cidadão não é aquele que vive em sociedade – é aquele que a transforma”.

Nesse sentido, o uso da tecnologia – que é também uma forma de poder – deve estar atrelado a um projeto maior de formação humana e a acadêmica. A

¹² O educador cita a Carta Universal de Responsabilidade Humana.

educação digital, a alfabetização para os meios digitais, precisa, sem dúvida alguma, estar atrelada à capacidade de preparar jovens e crianças para que exerçam a autonomia responsável.

A modernidade projetou-nos numa ética individualista, na qual se pretende conservar a benesse da liberdade, ignorando a prática da responsabilidade, algo que lhe é inerente. A Educação formal fragilizou o conceito de ética e as transgressões são justificadas como regras do jogo para a sobrevivência. Urge, por isso, que estâncias educacionais, como as escolas, concretizem uma Educação integrada na pólis, com o exercício da **corresponsabilização**¹³ na formação, uma formação estruturante da vida pessoal e comunitária. (...) A nossa vocação é cooperar, ser corresponsável. Ninguém existe sozinho, não há entidades vivas isoladas em si (PACHECO, 2012, p. 43).

Ora, as diferentes constituições da construção do saber – da transmissão da mensagem – advém das diversas técnicas empregadas para tal fim e, para Lévy (2010), tem como objetivo a produção de ordem na “estrutural social” e “uma certa redundância”. O tecnicismo e o fazer educacional conteudista, ambos descolados da prática social, têm como “dominantemente um modelo formal envolvido numa concepção elementar, academicista e disciplinadora” (SARMENTO, 2004, p. 45).

O contraponto seria o que Guidini (2017, p. 125) chama de saber provindos da prática e “que são caracterizados por possuírem uma origem na prática cotidiana do professor”. A educação pautada na troca de experiências é, portanto, uma educação emancipadora e que forma um indivíduo não apenas portador de conhecimento, mas também um o torna um agente transformador e protagonista de sua própria história.

Alfabetização digital

Sob égide de formar estudantes que sejam “competentes, conscientes, compassivos e comprometidos” e que se percebam como “lideranças incipientes” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016) nos ambientes online e off-line, o Colégio Medianeira, por meio do Núcleo de Linguagens do Ensino Fundamental II, ofereceu às turmas dos 8º anos a oficina de Técnicas de Comunicação, cujo objetivo primeiro era instrumentalizar os adolescentes para o uso equilibrado e seguro do ciberespaço, capacitando-os também para realizar a curadoria a respeito das informações consumidas na internet.

¹³ Grifo nosso.

A necessidade de criar instrumentos e mapas capaz de auxiliar os estudantes durante o seu trânsito na rede mundial de computadores é o reflexo da avalanche de notícias falsas – as *fake news* – que tomaram de assalto as redes sociais e os aplicativos de mensagens, permitindo a disseminação de páginas “especializadas” em conteúdos falsos. Par ao jornalista Matthew D’Ancona (2018), a propulsão de informações inverídicas circulando na internet é consequência do desprezo pela mídia – órgão de imprensa e veículos noticiosos – e a falta de compromisso com a autenticidade dos fatos. “No cerne dessa tendência global está o desmoronamento do valor da verdade, comparável ao colapso de uma moeda ou de uma ação”, afirma D’ancona (2018, p. 20).

Nesse sentido, de acordo com Guilherme Wisnik (2018) os tempos de “hipervisibilidade”, proporcionado pelas redes sociais e ampliados pelas dinâmicas da sociedade off-line, são também responsáveis por causar uma espécie de “nublamento”, no qual os limites entre o real e o irreal se tornam tênues ou praticamente inexistentes. O resultado de todo esse processo de desconstrução da informação está intimamente ligado à troca de conhecimento dentro do espaço escolar.

A também chamada “sociedade da informação” é feita de precisão e de certezas. Se antes as dúvidas que se tinha sobre os mais variados assuntos precisavam ser respondidas com base no conhecimento acumulado das pessoas ou buscando informações em enciclopédias volumosas e em bibliotecas, hoje, por meio da internet, essas respostas são obtidas de maneira imediata e assertiva, ainda que não necessariamente correta. Assertividade autoconfiante que se prolonga no comportamento mediano das pessoas nas redes sociais e por intermédio delas se propaga. Pois, além de ser um riquíssimo espaço de pesquisa e de conhecimento em potencial, o ciberespaço é também – como meio de comunicação e interação – um “lugar” no qual as pessoas expõem muito menos dúvidas do que certezas. E as certezas exprimem vontade de nitidez, de explicitação, de definições precisas (WISNIK, 2018).

É preciso lembrar que “informação é poder” (RAIS. 2019) e, portanto, controlar a narrativa por meio das informações e notícias falsas representa um poder ainda maior. O perigo, aponta Rais, é a institucionalização das *fake news* por meio do compartilhamento em canais oficiais dos governos ou por seus representantes nos mais diversos níveis hierárquicos.

O que precisa ser feito é olhar para a indústria de *fake news*, e não para aquele senhor de idade que acreditou em uma história. Porque, no fundo, *fake news* são fruto de uma relação de poder. Se a informação é poder, a desinformação é muito mais, porque ela é capaz

de fazer um indivíduo não acreditar na informação. As *fake news* envolvem diretamente uma relação de poder, seja este econômico, político e até social.

Essa questão da desinformação é uma calamidade mundial. Todos os países estão se preocupando com isso, as autoridades se engajando. A União Europeia, por exemplo, tem um conjunto de normas diretivas para que os Estados-membros se engajem no combate [às *fake news*]. E, no Brasil, o Estado está ajudando as *fake news*. Quando alguém em um cargo tão relevante como o de presidente, que deveria ser um exemplo a ser seguido, toma atitudes como esta [compartilha *fake news*], fica mais difícil a educação midiática e digital (RAIS, 2019).

Por isso, como ilumina o *Projeto Educativo Comum*, é fundamental que o estudante de uma instituição da Companhia de Jesus esteja preparado para interpretar os fatos que se assomam às telas. O documento aconselha a constante ressignificação do ambiente escolar, proporcionando tempos e espaços de aprendizagens que capacitem o educando às habilidades que lhe são necessárias para a vida em sociedade. E, por seu turno, (re)pensar as formas e modalidades de comunicação é premente.

Para além da reestruturação das formas de comunicação e de acesso à informação, essa revolução digital está modificando o processo de aprendizagem e exige um referencial de competências em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (RDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 38).

Por isso, ao longo dos meses de maio e setembro, seis turmas dos 8º anos do Colégio Medianeira tiveram contato com as teorias da comunicação, a construção da notícia, as estratégias de criação e divulgação de notícias falsas na internet e os recursos para identificá-las. Quando falamos em recurso nos referimos basicamente aos elementos que envolve o fazer jornalístico, como a construção semântica das sentenças, preferências vocabulares e escolha dos dados informados no texto. À guisa de exercício prático, os estudantes leram no site do Colégio Medianeira uma notícia a respeito da instalação de um teleférico que interligaria as unidades de ensino da Educação Infantil, Ensino Fundamental I ao Ensino Fundamental II e Médio. O texto, além de apresentar equívocos gramaticais da ordem de concordância nominal, continha dados incoerentes quanto aos valores e prazos para a execução da empreitada.

Como efeito prático, foi interessante notar, enquanto alguns estudantes mostravam-se entusiasmados com a nova modalidade de locomoção dentro do Colégio, outros atentaram quanto às incongruências da pretensa notícia. Podemos, nesse sentido, dividir os estudantes que identificaram a informação como *fake news* em dois grupos:

- De ordem gramatical: estudantes que, por meio da percepção de inúmeros erros de construção das sentenças, compreenderam que o texto, apesar de publicado em um canal oficial da instituição, tratava-se de uma notícia falsa;
- De ordem informacional: estudantes que, ao analisarem os dados técnicos disponíveis no texto, deram-se conta de que se tratava de *fake news*. Nesse quesito vale a pena mencionar que, por meio de uma busca em páginas de pesquisa, os estudantes identificaram incongruência quanto ao valor da construção do equipamento, impossibilidade de a instituição arcar com os custos e a incompatibilidade para com o tempo de obra e o que estava relatado no texto.

O presente trabalho, portanto, busca compreender a percepção dos estudantes frente às notícias antes e depois dos processos de alfabetização digital. Na tentativa de comparar os públicos, realizamos uma pesquisa qualitativa e quantitativa para estabelecer o efeito produzido pela oficina nos estudantes que em 2018 participaram da atividade e, em 2019, estão no 9º ano. A comparação foi realizada com as turmas que neste ano cursam o 8º ano e não tiveram contato – ao menos até a feitura da pesquisa – com os conteúdos das teorias da comunicação.

Ambos os públicos foram questionados quanto o aparato tecnológico – ou ausência dele – utilizado para acesso à internet. Nos dois casos, o uso preponderante acontece via celular. Para os estudantes dos 8º anos, os smartphones são responsáveis por 73,3% (figura 1) do acesso ao ciberespaço enquanto no tocando à série posterior observa-se a redução para 66,7% (figura 2), apresentando maior contingência em outros aparelhos como o televisor e o computador.

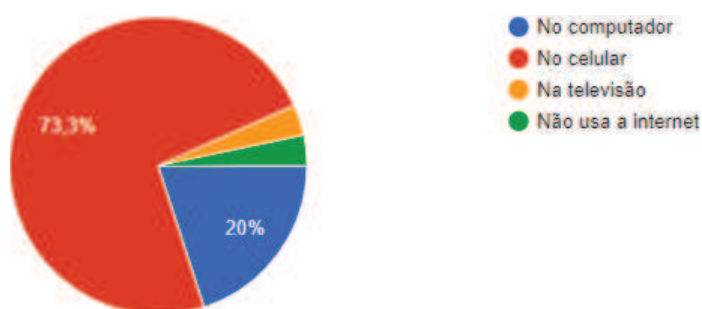


Figura 1: turma de 8º ano.

Um detalhe interessante é o número de estudantes cujo acesso à internet é zero na turma de 8º ano corresponde a 1%, valor semelhante aos que usam o televisor como canal à rede mundial de computadores.

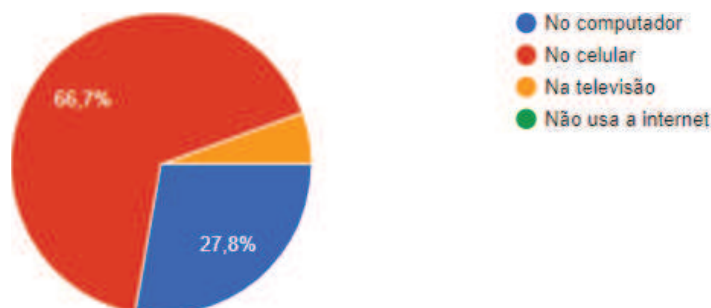


Figura 2: turma do 9º ano.

O fenômeno não se repete com os educandos dos 9º anos: não nenhum testemunho de não acesso à internet e o número de estudantes que afirmar atinge o patamar de 5,6%. Isso pode ser explicado graças ao crescimento do uso dos serviços de *streaming* para o consumo de conteúdos audiovisuais. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, “81,8% dos brasileiros que estão conectados utilizam a internet para assistir a filmes, séries e vídeos” (FIORI, 2018).

A maior exposição e possibilidade de conexão se reflete também nos canais de leitura de conteúdos noticiosos. Os estudantes dos 8º anos (figura 3), e que não participaram da Oficina de Teorias da Comunicação, têm nas redes sociais uma das suas principais fontes de informação, ou seja, é por delas que os adolescentes encontraram notícias, cuja curadoria está a cargo de seus amigos – reais ou virtuais – e sem que exista um olhar crítico ou obedeça aos critérios jornalísticos.



Figura 3: 8º anos e fontes de busca de informação.

O cenário para os estudantes dos 9º anos (figura 4) – que travaram contato com as noções de técnicas de comunicação – é significativamente distinto. As páginas de notícias ou veículos de comunicação são a preferência para a busca de conteúdo jornalístico. Ainda que a porcentagem não seja muito maior, se comparada com a série precedente, o que chama a atenção é a queda no acesso às redes sociais para a leitura de notícias e os 11,1% dos estudantes que afirmam não usar a internet para a busca de informação.



Figura 4.

Entretanto, em ambas as séries – como podemos visualizar nas figuras 5 e 6 – os estudantes asseguram, em sua maioria, saber o que são *fake news*.

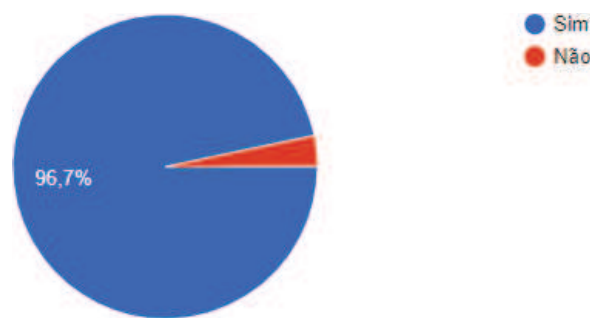


Figura 5: 8º ano.

No caso dos 8º anos (figura 5), 3,3 afirmam desconhecer o que são as notícias falsas veiculadas nas redes sociais e aplicativos de comunicação. Quando analisamos as respostas dos 9º anos (figura 6), observamos que a resposta negativa à questão está restrita a 2,8% dos entrevistados.

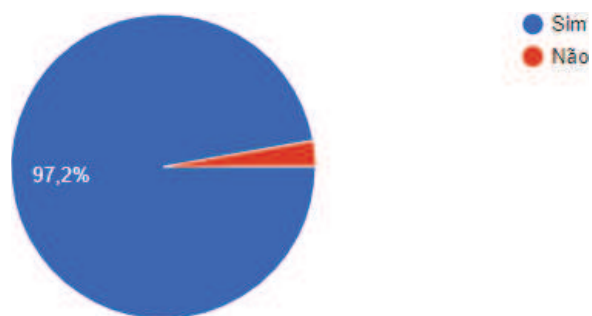


Figura 6: 9º ano.

O contraponto, porém, se dá quando a pesquisa oferece aos educandos duas opções de definição para o que termo, que são:

- Notícia ou informação verdadeira veiculada na internet, televisão, rádio, jornais e outros meios de comunicação;
- Notícia ou informação falsa ou inverídica veiculada na internet, televisão, rádio, jornais e outros meios de comunicação.

Os estudantes do 8º ano (figura 7) apresentaram maior índice de respostas incorreta, chegando a 13,3%, o que demonstra incongruência entre o acreditar saber o que são *fake news* e o de fato elas são.

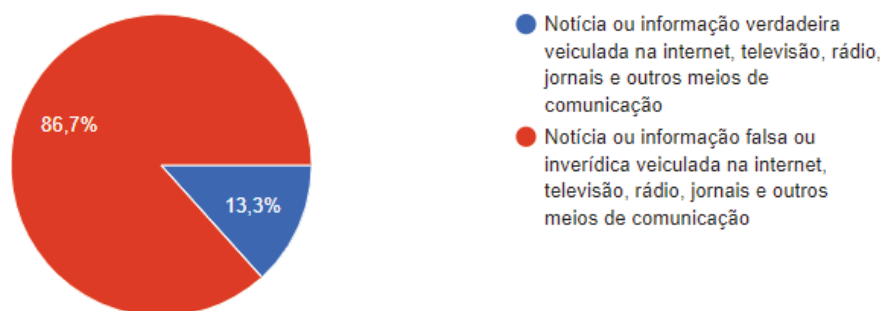


Figura 7: 8º anos.

Ao analisarmos o resultado obtido na turma de 9º ano (figura 8), o número de respostas corretas – as que escolheram a sentença que melhor *define fake news* – chegou a 91,7%.

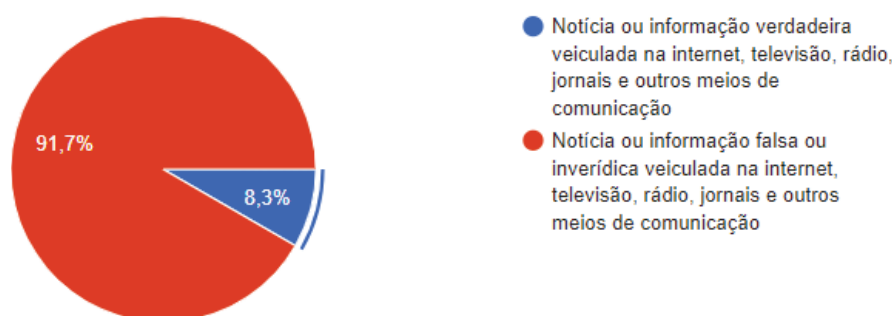


Figura 8: 9º ano.

Considerações finais

Vivemos, inegavelmente, tempos líquidos (BAUMAN, 2007) em que é preciso se adaptar às situações e aos demais com suas identidades híbridas. Ao mesmo tempo, uma profusão de informação assoma as diversas telas que crianças, jovens e adultos têm em mãos. Já não existe uma única fonte de informação (LÉVY, 2010) e todos são produtores e consumidores de conteúdo.

Nesse nevoeiro informacional, o limite entre o real e o falso ganha contornos tênues, para não dizer invisíveis. Em um momento no qual a verdade é ridicularizada e testemunhamos o revisionismo – negando o inegável –, é papel da escola preparar o estudante para uma leitura informacional – e de mundo –

acerca dos fatos para que, assim, o discurso pautado em mentiras e *fake news* seja derrubado com argumentos coerentes, empatia e liderança inaciana.

No Colégio Medianeira podemos dizer que esse trabalho foi realizado na Oficina de Teorias da Comunicação, oferecida em 2018 aos estudantes dos 8º anos. Durante um trimestre, as turmas tiveram contato a alfabetização digital à guisa de prepará-los para navegar com segurança e competência nos emaranhados de bytes do ciberespaço.

Ainda que a oficina seja uma estratégia isolada, e com tempo menor se comparada às disciplinas regulares do currículo da série, é interessante observar o resultado prático que se consolida na última pergunta do questionário oferecido aos estudantes. Para além dos lugares-comuns da ideia e da definição das *fake news*, os esforços da oficina se concentraram em operações práticas para frear a disseminação dos “fatos alternativos” (KAKUTANI, 2018) e a conscientização dos estudantes para as consequências do alastramento da inverdade.

O resultado prático se dá, justamente, no começo de uma percepção frente ao uso consciente da internet, na busca pela informação e nas escolhas dos canais par ao consumo desta, e, claro, no olhar criterioso para com aquilo que está à sua frente e se vende como verdade. A diferença de cinco pontos percentuais entre os estudantes do 8º ano e do 9º ano – quando questionados sobre a definição de *fake news* – ressalta a necessidade de que a problematização a respeito das novas tecnologias, *gadgets* e possibilidades de interações façam parte do cotidiano escolar da Educação Básica.

Por isso, prepará-los para essa leitura de mundo – cada vez mais binário – é prepará-los para promover a cultura da fraternidade, da justiça social e da relação pacífica e empática com aqueles que são ditos diferentes.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas**. In **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOXELL, Levi; GENTZKOW, Matthew; SHAPIRO, Jesse M.. **Is the internet causing political polarization? Evidence from Demographics**. Brown University. 2017. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w23258.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2018.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Consentimento sem consentimento: a teoria e a prática da democracia**. Estud. av. v.11 n.29 São Paulo jan./abr. 1997. Disponível em <http://bit.ly/2GX8WUU>. Acesso em 02 de março de 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos nos tempos de fake news**. Faro Editorial: Barueri, 2018.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2EsvCVv>. Acesso em 02 de março de 2019.

FIORI, Matheus. **Segundo o IBGE, há mais pessoas vendo filmes na internet do que utilizando TV a cabo**. In **B9**. 20 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2uBxSsY>. Acesso em 15 de março de 2019.

FOCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. In **G1**. 22 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2TbEahl>. Acesso em 02 de março de 2019.

GOOGLE. **Otimização de sites para Mecanismos de Pesquisa (SEO): Guia do Google para Iniciantes**. Disponível em: <http://bit.ly/2tMrnTu>. Acesso em: 02 de março de 2019.

GUIDINI, Fernando. **Educação jesuítica e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores**. Curitiba: Appris, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Rio de Janeiro: WF Martins Fontes, 2016.

KIRSCHNERAB, Paul A.; DE BRUYCKEREC, Pedro. **The myths of the digital native and the multitasker**. In **Teaching and Teacher Education**. Volume 67, October 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2kDSn39>. Acesso em 31 de maio de 2018.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

MARTINS, Vitória Catarina Cardoso; CARDOSO, Raquel Macedo; PONTES, Aldo Nascimento; PONTES, Altem Nascimento. **Tecnologias digitais: criação e utilização de mídias sociais como ferramenta educacional para a**

temática ambiental e o ensino de ciências. In **Revbea**, São Paulo, V. 13, No 4: 190-206, 2018.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. São Paulo: Editora SM, 2012.

PRENSKY, Mark. **Digital Natives, Digital Immigrants Part 1**. In **On Horizon**. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <http://bit.ly/2LNncyt>. Acesso em 31 de maio de 2018.

RAIS, Diogo. **"Atitudes de Bolsonaro dificultam combate a fake news"**. In **DW**. 11 de março de 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2V4Xgmr>. Acesso em 15 de março de 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?**. SÃO Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SARMENTO, Manuel. **Reinvenção do ofício de aluno**. In CANÁRIO, Rui; MATOS, Filomena; TRINDADE, Rui. (Orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Predições, 2004.

VALAREZO, Max. **Por que os filmes B são importantes?** 2017. (11m45s). Disponível em: <https://youtu.be/9PMOko-xF9U>. Acesso em 03 de março de 2019.

VEIGA, I. P. A. **A Prática pedagógica do professor de Didática**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1996. In GUIDINI, Fernando. **Educação jesuítica e teoria da complexidade: relações e práticas na formação de professores**. Curitiba: Appris, 2017.

WISNIK, Guilherme. **Arquitetura do nevoeiro**. In **Piauí**. Nº 144. Setembro, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2FMyguV>. Acesso em 10 de março de 2019.